



**UFSM**

**Artigo Monográfico**

**UM OLHAR SOBRE ALTAS HABILIDADES E SURDEZ:  
ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

---

**Fabiane da Costa Saidelles**

**PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

**SANTA MARIA, RS, Brasil**

**2008**

**UM OLHAR SOBRE ALTAS HABILIDADES E SURDEZ:  
ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

---

por

**Fabiane da Costa Saidelles**

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial:  
Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da  
Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para  
obtenção do grau de  
**Especialista em Educação Especial: Altas  
Habilidades/Superdotação**

**PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

**SANTA MARIA, RS, Brasil**

**2008**

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Centro de Educação**  
**Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Especial:**  
**Altas Habilidades/Superdotação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de  
Especialização

**UM OLHAR SOBRE ALTAS HABILIDADES E SURDEZ: ALGUMAS  
REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

elaborada por  
**Fabiane da Costa Saidelles**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
***Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação***

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Larice Maria Bonato Germani**  
(Presidente/Orientador)

---

**Susana Graciela Pérez Barrera Pérez**

---

**Elisane Maria Rampelotto**

SANTA MARIA, 24 de Outubro de 2008.

## **RESUMO**

Artigo de Especialização

Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **UM OLHAR SOBRE ALTAS HABILIDADES E SURDEZ: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

AUTORA: FABIANE DA COSTA SAIDELLES

ORIENTADORA: LARICE MARIA BONATO GERMANI

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 24 de Outubro de 2008.

Frente à escassez de estudos que pontuem duas áreas distintas da Educação Especial, este artigo objetiva entrelaçar Altas Habilidades/Superdotação e Surdez, a fim de que se propicie um “olhar” acerca da importância de se identificar os comportamentos das Altas Habilidades na pessoa surda e também saber como os educadores surdos os entendem. A partir disso, pontuam-se aspectos históricos, conceituais, epistemológicos e práticos. Para a realização da pesquisa de abordagem qualitativa, foram elaboradas entrevistas semi-estruturadas, com o intuito de saber como os educadores surdos entendem esses comportamentos. Por fim, prevaleceu o desconhecimento das altas habilidades/superdotação por parte dos educadores devido à ausência de discussões acerca de ambas as temáticas.

**Palavras-chave:** Altas Habilidades/Superdotação, Surdez e Educação Especial.

## **ABSTRACT**

Specialization Article

Specialization Course on Especial Education: High Abilities/Gifted

Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

### **A LOOK ON HIGH ABILITIES AND DEAFNESS: SOME NECESSARY REFLECTIONS**

AUTHOR: FABIANE DA COSTA SAIDELLES

ADVISER: LARICE MARIA BONATO GERMANI

Date and Local of Defense: Santa Maria, 24 de Outubro de 2008.

Based in the shortage of studies that focus two distinct areas of Special Education, this article intends to interlace High Abilities/Gifted and Deafness, in order to emphasize the importance of identifying the behaviors of the High Abilities in the deaf person and also to know like these deaf educators understand them. Thenceforward, this work points historical, conceptual, epistemological and practical aspects. For the accomplishment of the research of a qualitative approach, semi-structured interviews had been elaborated, in order to know how the deaf educators understand these behaviors.

**Keywords:** High Abilities, Gifted/Deafness and Special Education.

# UM OLHAR SOBRE ALTAS HABILIDADES E SURDEZ: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS

## 1. Apresentação

Considera-se o assunto altas habilidades/superdotação uma temática fascinante da Educação Especial, destacando-se o crescente número de pesquisas e estudos que vêm sendo realizados sobre o tema. Contudo, ainda existe uma gama de possibilidades a serem desbravadas, como por exemplo, a questão da surdez<sup>1</sup> vinculada às altas habilidades/superdotação. Com o objetivo de enfatizar esta relação, convém mencionar sua complexidade, uma vez que ambas as temáticas possuem abordagens distintas quanto às suas concepções e conceitos. Torna-se, ainda, oportuno salientar que esta articulação também remete a infinitas discussões. Porém, apenas um olhar se faz relevante no contexto adotado – refletir de que forma a questão das Altas Habilidades/Superdotação é entendida a partir da Surdez.

Como caminhos paralelos que podem se encontrar e se desencontrar, estarem em sentidos opostos, ou simplesmente lado a lado, a questão das Altas Habilidades/Superdotação, bem como a temática da Surdez, são concebidas de diversas formas, nos mais variados contextos. Uma atribuição necessária a elas é em relação às concepções que fundamentam suas teorias no campo da Educação Especial. Sob este prisma, ambas foram se resignificando ao longo do tempo e, por isso, necessita-se salientar que houve tendências que marcaram rupturas e que vêm norteando os estudos atuais acerca destas problemáticas, os quais assumem características diferentes entre si. Em detrimento disso e na tentativa de entrelaçar duas temáticas de concepções diferenciadas, como surdez e altas habilidades,

---

<sup>1</sup> Ao usar a terminologia ‘Surdez’ me refiro ao Surdo sem qualquer atribuição clínica, mas como uma temática epistemológica. Para tanto respaldo minha concepção nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos em Educação. Conforme Skliar (1998), tal território investigativo propõe uma mudança na representação e na narração dos surdos. Assim, busca romper com a lógica do normal, do correto, do cotidiano. Os Estudos Surdos, portanto, concebem a surdez como uma diferença que deve ser politicamente discutida.

torna-se imprescindível tecer uma trajetória acerca delas, considerando-se os aspectos históricos, conceituais, epistemológicos e práticos.

Sob esse propósito, a fim de delinear algumas reflexões entre estas duas áreas, o presente artigo pretende realizar um estudo enfocando a importância de se identificar os comportamentos de altas habilidades na pessoa surda, ou seja, proporcionar uma discussão acerca das altas habilidades no território da surdez. Direcionar um olhar sobre estes aspectos implica ultrapassar as barreiras pelas quais estas duas temáticas encontravam-se separadas. Além disso, torna-se importante enfatizar que essas questões não receberam a atenção necessária, devido às representações históricas e culturais sob as quais estavam submersas. Neste sentido, faz-se desafiador olhar altas habilidades/superdotação e surdez de forma a estabelecer um elo entre ambas; à luz da inclusão, convém salientar que muitos outros estudos podem estar sendo feitos a partir deste caminho.

Ainda assim, faz-se oportuno mencionar que tal abordagem precisa levar em conta as representações culturais que se têm acerca da surdez e das altas habilidades/superdotação, o que implica em entender aspectos fundamentais em relação às mesmas, como a questão da identidade, no caso da surdez e dos comportamentos de altas habilidades/superdotação no que diz respeito à temática. Dessa forma, ao articular este entrelaçar de concepções, estará sendo proposto um diálogo entre vertentes epistemológicas divergentes, a fim de enfatizar a importância de se identificar os comportamentos de altas habilidades na criança surda e tecer discussões a esse respeito junto a educadores surdos, uma vez que estas questões, por ora, não mantêm ligação.

Buscando-se entender como a temática das altas habilidades/superdotação está inserida no contexto da surdez, ou se não está, e a partir disso entremear algumas reflexões, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com professores surdos, tendo por finalidade saber de que forma eles vêem essa questão. Quais as suas representações acerca das altas habilidades/superdotação, e se eles já haviam se questionado quanto a isso. A escolha desses professores tornou-se relevante porque, a partir da experiência de vida e da convivência diária na comunidade surda, suas contribuições refletirão o contexto no qual estão inseridos – a surdez.

As representações sociais são um elemento de compreensão das concepções de mundo, sociedade e de ser humano. Sua significação é ampla,

podendo ser analisada sob diferentes aspectos. Para a realização deste estudo foi utilizado o conceito de representação cultural, onde a análise da representação concentra-se nas conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação.

Neste sentido, num primeiro momento, buscou-se apresentar um breve histórico educacional das duas temáticas – altas habilidades/superdotação e surdez, a fim de problematizar as influências sociais que justificaram ações e alternativas metodológicas no campo da Educação, tanto para com os surdos, quanto para os alunos com altas habilidades, ao longo do tempo. Num segundo momento, narrar sucintamente o paradigma da inclusão, a fim de ilustrar o momento educacional presente em que as questões abordadas estão inseridas. Posteriormente, articular questões teóricas e ferramentas conceituais que fundamentam uma e outra temática com os dados empíricos coletados nas entrevistas. Por fim, direcionar um novo olhar, acerca das altas habilidades, sob o viés da surdez, como perspectiva para pesquisas futuras.

Com o intuito de explicar um pouco mais a respeito da escolha destas duas interfaces da educação especial, convém mencionar a formação da pesquisadora e a área em que atua, uma vez que, a partir do contexto em que se encontra inserida e dos estudos realizados na área das altas habilidades, tornou-se relevante unir estes dois campos da educação especial. Para tanto, busca-se resgatar a trajetória, ilustrando, a partir dela, as entrelinhas que permearam esta opção. Assim, fez-se significativo contextualizar, a partir de quais aspectos e pressupostos.

Sempre que se realiza uma escolha, sabe-se das dificuldades e barreiras que se pode enfrentar, embora não se saiba ao certo o porquê, mas ‘por que não?’ E foi assim que se chegou à pesquisa, pensando, por que não? Por que não aceitar mais este desafio? Por que não mergulhar neste mundo de possibilidades? Reconhecendo-se, entretanto, as poucas experiências e leituras com relação à área das altas habilidades, na formação. Em contrapartida, não foram poucas as curiosidades que levaram cada vez mais a interação neste campo, até outrora novo desconhecido, e a partir dele direcionando essa relação com a área escolhida.

Formada em Educação Especial, com habilitação na Educação de Surdos, atuando como intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) numa instituição de ensino superior. Entende-se o surdo como sujeito de sua história, pertencente a uma

comunidade, com cultura e identidade própria, cuja língua é a libras. Diariamente, a pesquisadora convive com alguns surdos que trabalham na escola especial e, ao mesmo tempo, estão cursando a graduação, transitando em diferentes áreas. Percebe-se que eles se sobressaem de forma extraordinária, em alguns aspectos, tanto na elaboração de suas respostas, quanto no tempo em que se dedicam para alcançar um objetivo. Embasada nas leituras que vinha realizando, na área das altas habilidades, esta pesquisadora começou a questionar a respeito, e decidiu escrever a propósito da importância de se pensar estas questões sob o viés da surdez.

A pretensão neste momento é dar início a uma reflexão que pontue aspectos relevantes e que venha questionar a respeito da importância de se identificar os comportamentos de altas habilidades/superdotação na pessoa surda. Em busca de bibliografia que relacionasse o tema da surdez vinculada às altas habilidades, encontrou-se uma vasta literatura específica, a respeito de uma e de outra, porém nada que diretamente pudesse estar relacionando essas duas interfaces. Por isso, tornou-se desafiador e, ao mesmo tempo, necessário entreolhar ambas as temáticas relacionando-as.

Não obstante, aos poucos, adentrou-se nas questões das altas habilidades/superdotação, a fim de questionar, investigar e preencher as lacunas com relação a essa área. Tornou-se fundamental compreender e perceber de que forma são vistas as pessoas com altas habilidades na sociedade. Quais as idéias que transcendem o imaginário popular e, em específico, para este trabalho, o imaginário dos surdos com relação a esse tema, uma vez que o desconhecimento sobre altas habilidades/superdotação por parte de professores que atuam na área da surdez pode estar privando muitas crianças, jovens e adultos de uma atenção diferenciada, da qual eles têm direito.

Em suma, acredita-se, enquanto educadora especial, envolvida com estas duas temáticas, na proposta de um estudo que busque entendê-las, não mais como áreas distintas, mas direcionando uma interlocução entre elas. *Um olhar sobre Altas Habilidades e Surdez: Algumas Reflexões Necessárias* procura salientar a importância de se discutir estes aspectos que por tempos foram ignorados e ainda, enfatizar a necessidade de educadores e profissionais que atuam com pessoas surdas refletirem sobre a temática das altas habilidades e a possibilidade de identificá-las em seus educandos.

## 2. Reflexões históricas e o paradigma atual

Refletir acerca das questões históricas e conceituais tanto das altas habilidades quanto da surdez remete a uma abordagem fundamental para que se compreendam certos conceitos relacionados a ambas as temáticas – as representações culturais. Convém, neste momento, resgatar brevemente aspectos que enfocam as altas habilidades e a surdez tanto no contexto mundial como em nível de Brasil, partindo-se das representações sociais e culturais no decorrer da história e atualidade. A fim de seguir uma ordem cronológica e estar sempre colocando em pauta paralelamente essas duas temáticas, torna-se necessário intercalar uma abordagem e outra.

No mundo, as altas habilidades aparecem de diferentes formas ao longo da história. Na Grécia Antiga, Platão insistia que os jovens que possuísem habilidades mentais superiores, avaliadas em testes, deveriam ser separados daqueles que tinham habilidades medianas. Em Esparta, eram enfatizadas, pela educação, técnicas de combate e guerra, os alunos com habilidades bélicas ou que mostravam destaque e liderança militar, recebiam incentivos para prosseguirem os estudos. Atenas priorizava conhecimentos como matemática, aritmética, lógica e história, gramática, literatura, retórica, política, cultura geral, etc. Em Roma, a educação valorizava a arquitetura, o direito, a engenharia e a administração, a educação superior era privilégio, apenas, dos homens considerados mais capazes (GAMA, 2006, p.13).

A questão da surdez aparece na antiguidade, sob um ponto de vista desastroso, em função do ideal grego de beleza e perfeição, onde ocorria o sacrifício de surdos. O nascimento de uma pessoa narrada “deficiente” era concebido como um castigo dos deuses, o que justificava sua eliminação. Além disso, a concepção filosófica da época era fundamentada pela idéia de que a “fala” constituía a única forma de expressão do pensamento. Sob essa significação cultural, os surdos foram considerados sujeitos incompletos e, portanto, incapazes de aprender.

Já a temática da superdotação aparece no Oriente de uma forma bem animadora, cada um deveria receber a educação que melhor conviesse às suas

habilidades. Desde muito cedo, século VII, os chineses investiram nas crianças e jovens com altas habilidades e se anteciparam no reconhecimento de quatro princípios valorizados na educação moderna. De acordo com Colangelo e Davis, (1991, *apud* GAMA, 2006, p. 14) foram eles:

1. Aceitaram o conceito de superdotação como talento múltiplo, e valorizaram as habilidades de liderança, imaginação, leitura e escrita, memória, raciocínio e percepção.

2. Reconheceram que algumas crianças, aparentemente precoces, ao crescer se tornavam adultos normais, outras normais na infância, cresciam de forma notável, e finalmente outras, realmente precoces, tinham talentos e habilidades por toda a vida.

3. Deram-se conta que mesmo as crianças mais talentosas na infância, sem a educação apropriada não se desenvolviam convenientemente.

4. Propuseram que todos os jovens, independente de sua classe social, recebessem uma boa educação.

Em se tratando da educação de surdos, por volta do século XVI, Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584) foi um dos primeiros a se dedicar à educação de surdos. Monge beneditino, ele viveu no monastério e se empenhou à instrução de dois irmãos de um conde. Era, portanto, uma educação voltada para assegurar os direitos dos descendentes da nobreza. Embora ele seja considerado um “mito paternal” da educação de surdos, na Espanha, autorizando a comunicação sinalizada e criando métodos de ensino da fala e da escrita, é o médico italiano Girolamo Cardano (1501 – 1576), interessado em estudar o caso do seu filho surdo, que advoga a favor da capacidade de aprendizado dos sujeitos surdos. Defendeu que o emprego de palavras faladas não era indispensável para se compreender as idéias, mas que era necessário saber ler e escrever. Porém, Cardano abandonou seus estudos.

Quanto às altas habilidades, nos séculos XVII a XIX, no Japão, a educação era distinta, os pobres aprendiam conceitos de lealdade, humildade e obediência, enquanto as crianças samurai, recebiam ensinamentos diferenciados como artes marciais, história, composição, caligrafia, moral e etiqueta. Algumas escolas se especializavam em educar os alunos com altas habilidades, estas aceitavam tanto os Samurais, como as crianças pobres. Durante o Renascimento, a Europa

Ocidental, que na idade média limitou a educação a conventos e mosteiros, valorizou a arte, a arquitetura, a literatura e outros campos que incentivaram o destaque de ícones como Michelangelo, Leonardo da Vinci, entre outros, além da criação da imprensa por Gutenberg, que potencializou a propagação das idéias. (GAMA, 2006, p.15)

Já no âmbito da surdez, foi na França que o abade Charles Michel de L'Épée (1712 – 1789), movido pela situação de pobreza dos surdos de Paris e com o intuito catequizador, fundou a primeira escola onde a língua de sinais era reconhecida e usada como alternativa pedagógica. Pode-se atribuir a esse acontecimento um discurso caritativo e de salvação religiosa. L'Épée, também considerado, por alguns, o “Pai da língua de sinais”, teve sua proposta pedagógica difundida para diversos países. Nesta época, as escolas usavam as línguas de sinais nacionais e explorava os recursos visuais como a base para uma pedagogia especial, onde a religião, a moral e a língua nacional constituíam o currículo.

No que tange às altas habilidades/superdotação, desde o início do século XX, diversas pesquisas sobre desenvolvimento infantil e inteligência legaram à educação das pessoas com altas habilidades/superdotação contribuições importantes. Dentre elas, a escala do desenvolvimento infantil do francês Alfred Binet e o conceito de Quociente Intelectual (QI), criado por Louis Terman, na Califórnia. Terman defendeu a educação diferenciada para os alunos identificados. Das contribuições européias, destacam-se as pesquisas de Galton (1822 – 1911). Britânico, primo de Charles Darwin, concluiu que a inteligência estava necessariamente ligada aos sentidos e, ao desenvolver seu teste, criou avaliações de acuidade visual e auditiva, sensações táteis e tempo de reação a estímulos. Neste sentido, ao longo deste século muitas foram as contribuições com relação ao estudo aprofundado de inteligência e altas habilidades a partir deste momento, surgem diferentes conceitos com relação à inteligência.

Porém, talvez o momento em que foi dada a maior atenção aos programas de desenvolvimento de alunos talentosos tenha sido a chamada “era Sputnik”, ou seja, os anos imediatamente após o avanço tecnológico demonstrados pela União Soviética através do lançamento do Sputnik. Para os americanos, o desafio passou a ser a superação do desenvolvimento soviético no campo científico: para isso era necessário melhorar a qualidade do ensino das ciências nas escolas, incentivando, sobretudo aqueles alunos identificados como portadores de altas habilidades. (GAMA, 2006, p.20)

A educação de surdos, ainda no século XIX, foi marcada por acontecimentos que potencializaram as pesquisas na área da medicina, os avanços tecnológicos que facilitavam a aprendizagem da fala pelos surdos e, a partir deste momento, surgem os métodos que buscam “curar” os surdos através do ensino da fala – o oralismo. Esta corrente ganhou muitos defensores que viam a língua de sinais como prejudicial no aprendizado da língua oral. Oficializada no II Congresso Internacional de Milão, essa proposta embasa os primeiros trabalhos direcionados aos surdos no Brasil. Tal visão é radical e elimina toda e qualquer hipótese do uso da língua de sinais.

No Brasil, com relação às altas habilidades, os primeiros estudos aconteceram por volta da década de trinta. Além de outras contribuições e publicações, Helena Antipoff incluiu esta área à sua preocupação com os alunos excepcionais, por verificar que algumas crianças que procuravam o consultório Pestalozzi apresentavam QI elevado, e propôs um atendimento especial aos alunos ditos superdotados. Outras formas de atendimento às crianças com altas habilidades surgiram por todo o país e convém mencionar que os testes priorizavam apenas algumas áreas do conhecimento.

Referente à educação de surdos, na década de setenta, surge um novo paradigma – a Comunicação Total. Com o mesmo objetivo do oralismo, integrar os surdos à sociedade, esta vertente abrange várias técnicas, desde estimulação oral, uso de aparelhos auditivos, até a utilização de alguns sinais para o ensino da leitura e escrita, e tem sua comunicação dita bimodal, ou seja, produção de uma mensagem nas modalidades oral-auditiva e visuo-espacial, simultaneamente. No entanto, estas duas perspectivas levaram os surdos a um grande fracasso acadêmico. Pesquisas constataram que a maioria deles eram iletrados funcionais. Embora oficialmente proibida, a língua de sinais continuava a ser utilizada informalmente entre os surdos.

Tendo em vista a retrospectiva histórica e cultural ilustrada acima, reafirma-se o dito no início deste artigo com relação às temáticas propostas, ambas, sempre abordadas sob enfoques completamente diferentes, não poderiam ser discutidas formas de identificação de altas habilidades em alunos surdos, uma vez que a visão sobre surdez situava-se no campo da deficiência. Não obstante, a área das altas

habilidades priorizava demasiadamente aspectos lingüísticos, o que comprometia a questão da comunicação, que, no caso, desfavorecia os surdos.

A perspectiva atual da educação de surdos é o bilingüismo, sob o pressuposto de que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna, e a língua oficial de seu país como segunda língua. Contra-pondo-se aos autores que seguem as linhas oralista e da comunicação total, os defensores do bilingüismo entendem que o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, mas deve aceitar-se assumindo sua identidade, sua língua e cultura. (GOLDFELD, 2002, p.42)

Com relação às políticas, de acordo com Pérez (2003), as altas habilidades/superdotação têm sido olhadas com ênfase apenas nas últimas três décadas, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1971, lei 5692/71, e com atenção maior, após a aprovação do Plano Nacional de Educação. Esta lei estabelece, com clareza, a população que deve ser atendida pela Educação Especial, incluindo as pessoas com altas habilidades. A autora salienta:

A implantação de programas de atendimento aos alunos com altas habilidades (AHs), nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora, uma exigência deste dispositivo legal, deveria ter sido implementada até janeiro de 2002, embora ainda não tenha acontecido na maioria dos estados brasileiros, além de todas as demais ações previstas para as pessoas com necessidades especiais, cuja implementação deve ser garantida até, no máximo, o ano de 2011, e que são aplicáveis às AHs. (PEREZ, 2003)

Uma das conquistas da comunidade surda é representada pela lei que reconhece a Libras – Língua Brasileira de Sinais, como a língua oficial das comunidades surdas brasileiras, lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Além desta lei, vale destacar a lei 10.098/00 (lei de acessibilidade); lei 10.172/01 (Lei do Plano Nacional de Educação); resolução MEC/CNE: 02/2001 (Diretrizes Nacionais para a Educação Básica) e a Portaria 3284/2003, que substituiu a Portaria 1679/99 (Acessibilidade a Educação Superior). Sob este aspecto, ainda poderiam ser feitas algumas reflexões no que diz respeito às nomenclaturas adotadas pelas respectivas leis. No entanto, não convém adentrar por este caminho, uma vez que a abordagem acima se torna pertinente apenas a título de ilustração.

Sob este viés, tanto as altas habilidades quanto a surdez encontram-se ancoradas na educação especial. O paradigma atual da inclusão traz, em sua

política, aspectos relevantes, dentre os quais, destaca-se, na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva<sup>2</sup>, os seguintes trechos:

Ao ressaltar a interação das características individuais com o ambiente, o conceito de necessidades educacionais especiais **desloca a ênfase das deficiências e desvantagens centradas exclusivamente no aluno para a escola e o contexto**. Assim, proclamou a organização de um sistema educacional capaz de definir estratégias, recursos e serviços para atender as especificidades dos alunos **e produzir diferentes respostas da escola**. (...)

**A resignificação dos conceitos de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e das altas habilidades/ superdotação**, a partir da compreensão de que as pessoas se modificam transformando o contexto no qual se inserem, permite uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão e ausência de atenção às especificidades desses alunos. Este entendimento enfatiza a importância de ambientes heterogêneos para a aprendizagem de todos os alunos e aponta para a superação de práticas pedagógicas incompatíveis com a complexidade dos processos de ensinar e de aprender. (...) A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. **Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas**, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (grifo meu)

Neste sentido, no que diz respeito aos alunos atendidos pela educação especial, a política incluiu as duas temáticas abordadas por este artigo. No entanto, novamente a questão da surdez vem referida no âmbito da deficiência, tendo em vista que, a partir da visão de quem escuta, quem não escuta é deficiente. Ao inverter o ponto de vista pelo qual se iniciou, essa questão se torna relativa. Um exemplo bem simples para concluir tal idéia, a qual foi citada apenas a critério de demonstração, é com relação a um ouvinte que desconhece a língua de sinais, frente a um grupo de surdos num determinado ambiente onde todos interagem em Libras. Naquele momento, certamente, tal ouvinte, em especial, tomará a posição do deficiente.

Outra questão referente às diretrizes da Política Nacional da Educação Especial é com relação ao currículo. Conforme o que foi destacado, ela assegura um currículo que prioriza a aprendizagem de todos os alunos. Prioritariamente, no caso

---

<sup>2</sup> Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial n°. 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria n°. 948, de 09 de outubro de 2007.

da educação de surdos, há a necessidade de serem bilíngües, pois somente assim será garantido o respeito às diferenças, a valorização da identidade e da cultura surda. Através da observação de Gotti (2005), em entrevista dada à revista Inclusão, a respeito deste aspecto, entende-se que tal política, embora se utilizando de uma nomenclatura generalista, aborda estas questões.

“Com o reconhecimento da libras, a oferta de educação bilíngüe passa a ser organizada pelos sistemas de ensino como direitos dos alunos surdos, fundamental ao exercício da cidadania de modo a viabilizar-lhes o acesso aos conteúdos curriculares, levando em consideração, nesse caso que a leitura e escrita não dependem da oralidade, a Libras e a Língua Portuguesa como segunda língua (modalidade escrita) constituem **complementação curricular específica a ser desenvolvida em salas de recursos das mesmas escolas** em que o aluno surdo está matriculado, **em horário diferente ao da classe comum ou como disciplina a parte diversificada do currículo.**” (GOTTI, 2005, p.6) (grifo meu)

Quanto às altas habilidades/superdotação a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, ainda salienta:

O atendimento educacional especializado para **alunos com altas habilidades/superdotação** requer a implementação de programas de enriquecimento curricular que promovam o desenvolvimento do potencial nas áreas: intelectual, acadêmica, liderança, artes, psicomotricidade e mecânica. (grifo meu)

Dessa forma, percebe-se que esta política não menciona qualquer relação entre altas habilidades associada à outras áreas ou “*deficiências*”, sendo que esta é a forma como a surdez é entendida a partir desta perspectiva. Mais uma vez, as temáticas são abordadas de formas distintas Neste sentido, nem no decorrer da história, nem nos pressupostos atuais há menção com relação à importância de serem trabalhadas as altas habilidades/superdotação sob o enfoque da surdez. Acerca disso, infinitas reflexões podem ser feitas.

Quanto fracassos escolares não têm sua origem nesta lacuna da educação especial? Quantas crianças, adolescentes e até mesmo adultos, surdos com altas habilidades podem estar por aí nas ruas, estigmatizados sob o rótulo – “*deficientes*”? E assim, poderíamos elucidar tantos outros lampejos referentes a este contexto. Sobretudo, torna-se relevante acerca disso, que se volte o olhar, especificamente, em direção das altas habilidades tecendo algumas reflexões a respeito.

## 2.1 Um olhar sobre os aspectos conceituais

Atrelada à pergunta – o que são altas habilidades/superdotação está a seguinte questão: Quem são as pessoas com altas habilidades/superdotação? Ou quem são as pessoas superdotadas? A partir do imaginário popular que compõe o senso comum, pode-se correr o risco de elaborar uma resposta repleta de estereótipos e preconceitos, como por exemplo, é aquela criança magrinha, branquinha, de óculos, bem comportada em sala de aula, com boas notas na escola, e assim sucessivamente.

Logo, estas idéias estereotipadas e tantas outras com relação às altas habilidades/superdotação, compõem o que Pérez (2003) chama de “mitos”. Estes, segundo a autora, surgem para explicar situações ou pessoas reais que a lógica humana não consegue compreender. “Assim como quem apresenta uma deficiência é alvo de pena e comiseração, quem manifesta uma aparente vantagem é alvo de inveja e agressão”. A autora salienta que os mitos e crenças contribuem para uma representação negativa das pessoas com altas habilidades/superdotação e impedem que essas constituam uma identidade própria.

Assim, um dos primeiros aspectos que devem ser aprofundados são os fatores que têm alicerçado a carência e/ou precariedade de atendimento, entre eles, os mitos e crenças populares, alguns decorrentes de características próprias das PAHs [pessoas com altas habilidades/superdotação], outros, de preconceitos socioculturais e/ou ideológicos e até da própria desinformação sobre as Ahs [altas habilidades/superdotação]. Eles são fortes empecilhos para a formação de uma identidade própria das PAHs e contribuem para uma representação negativa ou, pelo menos, distorcida destas pessoas. (PEREZ, 2003)

Tal pesquisadora ainda enfatiza que os mitos e crenças pairam sobre as pessoas com altas habilidades/superdotação e são responsáveis pela sua transparência, seja nas políticas e no discurso oficial, ou na escassez de publicações, e na precariedade ou inexistência de serviços para esta população. Para fins didáticos, Pérez enumera tais mitos classificando-os nas seguintes categorias: mitos com relação à constituição, distribuição, identificação, mitos sobre níveis ou graus de inteligência, desempenho, conseqüências e atendimento. Por fim, atenta para a importância de se (re)construir a imagem que se tem da pessoa com altas habilidades/superdotação.

Outros autores, também trazem em suas abordagens o que eles entendem por mitos, suas origens e conseqüências. Ressaltam que estes precisam ser desfeitos a fim de garantir e melhorar o atendimento para com os alunos, que apresentam características de altas habilidades/superdotação, uma vez que certas idéias estereotipadas e simplistas se estruturaram como formas de representação coletiva, constituíram um grande empecilho na educação das pessoas com altas habilidades.

Guenther (2000, apud, FREITAS e RECH, 2006 p.67) aponta alguns desses falsos conceitos, como por exemplo, a crença de que eles (pessoas com altas habilidades/superdotação) conseguem se desenvolver sozinhos e sem ajuda. Dessa forma, a autora afirma que certos professores não vêem esses alunos como crianças com necessidades educacionais especiais, privando-os de uma atenção diferenciada, “por isso uma boa parte do talento humano é desperdiçado, mediocrizado ou permanece sem se desenvolver”.

Rech e Freitas (2006) apontam que estes mitos interferem na trajetória escolar dos alunos com altas habilidades/superdotação e enfatizam a importância dos professores tomarem conhecimento a respeito das abordagens que os diferentes autores trazem em suas publicações, para assim, deixarem de ser alvos desses mitos e para que tenham suas necessidades educacionais especiais atendidas.

Contudo, é oportuno, abordar brevemente, sob o ponto de vista da surdez, algumas reflexões à luz dos estudos pós-estruturalistas. A respeito destas idéias estereotipadas, relacionadas aos alunos com altas habilidades/superdotação afirmadas e reafirmadas ao longo do tempo, as quais, também podem ser entendidas por verdades, pois foram produzidas como tal e correm o risco de serem concebidas assim por familiares e pessoas com altas habilidades/superdotação.

“A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade em seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; do estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.” (FOUCAULT, 2002, p.12)

Em decorrência disso, são atribuídas aos alunos com altas habilidades/superdotação, não apenas características, mas responsabilidades e expectativas concebidas como uma verdade, com a qual eles deverão conviver, carregar, e até mesmo prestar contas por toda uma vida. Estas se tornam um fardo muito pesado e, por isso, outras questões com relação à formação da identidade da pessoa com altas habilidades/superdotação, vêm enfrentando inúmeros empecilhos.

Sem o propósito de adentrarmos nesta discussão e voltando ao enfoque dado pelo viés das altas habilidades/superdotação às questões conceituais, convém abordar aspectos referentes à inteligência.

Pensar sobre altas habilidades também implica entender a questão da inteligência. Howard Gardner apresenta a Teoria das Inteligências Múltiplas, a qual entende inteligência como “a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”. (GARDNER, 1995, p.21) Pluralizando o conceito tradicional, é no nível da concepção de inteligência que esta teoria diverge das demais.

Numa visão tradicional, a inteligência é definida operacionalmente como a capacidade de responder a itens em testes de inteligência. A inferência, a partir dos resultados de testes, de alguma capacidade subjacente é apoiada por técnicas estatísticas que comparam respostas de sujeitos em diferentes idades; a aparente correlação desses resultados de testes através das idades e através de diferentes testes corrobora a noção de que a faculdade geral de inteligência, g, não muda muito com a idade ou com treinamento ou com experiência. Ela é um atributo ou faculdade inata do indivíduo. (GARDNER, 1995, p.21)

O mesmo autor elenca, criteriosamente, oito inteligências. Entre outras coisas, uma inteligência precisa ser codificada num sistema de significados culturalmente criados, que captura e transmite formas importantes de informação. Até então, as oito inteligências são: inteligência musical, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, espacial, lógico-matemática, lingüística e naturalista. Como um sistema de computador “com base neural, cada inteligência é ativada ou ‘desencadeada’ por certos tipos de informação interna ou externamente apresentados”. (GARDNER, 1995, p.22)

Cabe salientar a importância desta concepção, no que tange o conceito de altas habilidades/superdotação proposto por Renzulli na chamada Teoria dos Três Anéis, segundo a qual os comportamentos de altas habilidades encontram-se

representados por uma intersecção de três conjuntos distintos de comportamentos: habilidade acima da média, geral ou específica, criatividade e envolvimento com a tarefa.

A representação gráfica dessa definição é um diagrama de Venn, em que a intersecção dos três círculos simboliza a pessoa com altas habilidades/superdotação em suas características – habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. O fundo pied-de-poule representa os aspectos que afetam a manifestação destas características – o ambiente (família, escola, amigos, colegas) e os fatores de personalidade do próprio sujeito, remetendo a uma interpretação dinâmica e não a uma definição estática. (FREITAS, 2006, p.16)

Estes traços precisam apresentar uma freqüência, intensidade e consistência ao longo do tempo. Renzulli ainda menciona, para fins didáticos, dois perfis de superdotação. São eles: acadêmico e produtivo-criativo. O primeiro revela-se com facilidade através dos testes de inteligência, pois potencializa a aprendizagem dedutiva e utiliza um treinamento estruturado na formulação do pensamento. O segundo faz uso do pensamento indutivo e se sobressai pelos questionamentos, imaginação e criatividade.

Neste sentido, toda e qualquer identificação deve levar em conta os seguintes aspectos: os comportamentos de determinada criança correspondem à faixa etária em que ela se encontra, está na média ou acima dela, a criança apresenta capacidade de inovar e criar atrelada a suas habilidades, o tempo dedicado na realização de um determinado empreendimento, se há concentração e empenho ou a qualquer dificuldade tal tarefa é abandonada. Além disso, esta avaliação deve levar em conta aspectos familiares, culturais, enfim dos ambientes nos quais ela está inserida.

Entendemos que os educadores brasileiros têm o compromisso de compreender a diversidade nos alunos e de ajudá-los a adquirir habilidades de aprendizagem em muitas áreas. Os tipos de enriquecimento (...) devem ser considerados como oportunidades para desenvolver comportamentos de superdotação e não apenas para descobrir e atestar que uma pessoa é ou não “superdotada”! (RENZULLI, apud FREITAS e RECH, 2006, p.14)

Com base no que foi exposto, pode-se dizer que, quanto aos aspectos conceituais, não existe nenhum empecilho com relação à identificação dos comportamentos de altas habilidades/superdotação numa pessoa surda. Não obstante, o autor enfatiza a importância dos programas de enriquecimento serem

aplicados a todos os alunos da escola. Pérez (2006, p.46) ao se referir à teoria de Renzulli, coloca que a mesma não busca rotular a pessoa, mas o comportamento que ela apresenta nesse momento, com o objetivo de lhe oferecer alternativas educacionais adequadas.

Sob este viés, pode-se destacar a importância dos profissionais ligados à educação conhecerem tais conceitos, e em especial, direcioná-los ao foco abordado, principalmente, os profissionais que atuam na área da surdez. Isso, a fim de se ultrapassar as concepções errôneas que poluem o imaginário popular e que se encontram nos meios escolares constituindo barreiras e empecilhos para a prática pedagógica. Na maioria das vezes, pelo desconhecimento da área das altas habilidades, deixam-se de lado aspectos importantes do fazer pedagógico, que priorize as diferentes inteligências e que potencialize os comportamentos de altas habilidades/superdotação.

## **2.2 Foco da Pesquisa e Metodologia**

Ao perpassar as questões históricas, políticas e conceituais, torna-se oportuno que se volte o olhar sobre a pesquisa realizada, que teve como objetivo investigar se há um conhecimento sobre altas habilidades/superdotação por parte de professores surdos. Os professores que participaram das entrevistas atuam como docentes em uma escola da Rede Pública Estadual de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que atende crianças, jovens e adultos surdos da cidade e região. Para o desempenho desse estudo, adotou-se a pesquisa de abordagem qualitativa, por meio da análise de conteúdo, e teve-se como instrumento, entrevista semi-estruturada.

Na elaboração das entrevistas semi-estruturadas, com o intuito de saber qual o grau de familiaridade entre os entrevistados (professores surdos) e o assunto abordado, no caso, altas habilidades/superdotação, foram selecionadas perguntas que diretamente relacionassem os temas. A escolha desses profissionais fez-se relevante para entender de que forma a questão das altas habilidades é percebida no contexto da surdez, e como ela é trabalhada por estes profissionais surdos, pois

por estarem inseridos na comunidade surda, suas concepções refletiriam o contexto no qual estão inseridos. A entrevista em questão foi explicada aos participantes, a fim de orientá-los sobre o objetivo da pesquisa, sua importância frente à educação de surdos e a forma como ela ocorreria.

Levando-se em conta que nenhum dos entrevistados fez ou participou de qualquer curso sobre altas habilidades/superdotação especificamente, a análise dos dados demonstrou um certo desconhecimento, por parte dos professores surdos, com relação a esta temática. Até mesmo para os que já haviam estudado esse assunto, na faculdade, foi observado que na maioria das respostas prevaleceu o senso comum e evidenciaram-se grandes equívocos decorrentes dos mitos anteriormente mencionados. Ao ser perguntado o que se entende por altas habilidades/superdotação e como seriam as características de uma criança superdotada, os aspectos citados foram:

*Estudei psicologia na universidade, [altas habilidades/superdotação] é quando a criança aprende muito cedo e adquire muito rápido [conhecimento], que tem muita ansiedade em aprender.*

*É uma característica própria da pessoa, é preciso perceber as diferentes capacidades.*

*A criança [com altas habilidades/superdotação] tem muito interesse em aprender e perceber as coisas.*

*Eles [pessoas com altas habilidades/superdotação] lêem muito cedo, a criança pega o livro por interesse próprio, e tem muita ansiedade em aprender.*

*Facilidade em decorar. Aprende muito rápido e **gosta de matemática**.(grifo meu) <sup>3</sup>*

Sobre a importância de se discutir aspectos relacionados às altas habilidades/superdotação sob o enfoque da surdez, foram realizadas as seguintes perguntas: Você acredita que tenham surdos com altas habilidades, conhece algum? Como seriam as características de uma criança surda com altas habilidades/superdotação? Nas respostas, observou-se insegurança na forma como

---

<sup>3</sup> As respostas das entrevistas serão colocadas em itálico, em corpo de texto correspondente ao artigo.

definir precisamente quais os comportamentos de altas habilidades/superdotação que podem estar presentes na criança surda.

Ainda, com relação a estas questões, é importante destacar a observação que fez referência a uma ficha distribuída pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) a qual vai para as escolas com o intuito de fazer um levantamento do número de alunos com altas habilidades/superdotação e outras necessidades educacionais especiais, anualmente. No caso referido, entende-se que foi indicado algum aluno, o qual, na opinião da pessoa entrevistada, não apresentava altas habilidades/superdotação.

Sobre a pergunta: Você acredita que tenham surdos com altas habilidades/superdotação, conhece algum?

*Acho que sim, mas não consegui descobrir.*

*[Entre] os surdos não existe, uma ficha que eu li diz 'altas habilidades', mas eu observei que está errado esta criança não tem esse problema. (grifo meu)*

*Sim, pode. Sim, eu conheci um menino surdo muito inteligente que sabia muito matemática.*

Sobre a pergunta: Como seriam as características de uma criança surda com altas habilidades/superdotação?

*Pode ser a criança que tem problema, ela pode ter altas habilidades, mas aqui não existe.*

*Acho que a criança surda com ansiedade, vontade de aprender rápido, mas também **não tem interesse no que é ensinado na escola.** (grifo meu)*

*Acredito que a criança ao nascer, começa a perceber o mundo visual e aprender as coisas com rapidez.*

Referente à observação que menciona falta de interesse pelo que é ensinado na escola, pode-se perceber que a pessoa entrevistada se refere à falta de estímulo por parte da criança com altas habilidades/superdotação na sala de aula, o que justificaria uma atenção diferenciada. Em contrapartida, ao colocarmos que tais questões nunca foram discutidas sob o viés da surdez, significa que em decorrência

disso, muitos alunos surdos com altas habilidades/superdotação podem ter sido privados desta atenção especial.

Outro ponto importante, percebido através da análise dos dados, foi quanto ao aluno ter uma energia ou ansiedade para aprender mais e estar em busca de algo novo e desafiante. Há um equívoco apresentado por alguns entrevistados ao atribuírem esta inquietação à hiperatividade. Neste sentido, Germani (2006) ao estudar diferenças e semelhanças entre transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e as altas habilidades/superdotação coloca que o grupo de sujeitos com altas habilidades/superdotação se diferencia do grupo de sujeitos com TDAH, pois os dois grupos de alunos possuem características muito singulares.

A última questão é de caráter bem específico, convém ilustrá-la por ter sido elaborada propositalmente da seguinte forma: Como você trabalharia com um surdo com altas habilidades em sua sala de aula? O que ficou bem claro, tendo por base não apenas esta pergunta, mas também as anteriores, é que até então nenhum trabalho se potencializou no âmbito da identificação das altas habilidades/superdotação frente ao contexto da surdez. As respostas foram apresentadas sob diferentes pontos.

*Eu poderia descobrir quais os alunos [que apresentam] altas habilidades.*

*Poderia trabalhar com a formação [estimulação] das altas habilidades.*

*Criando outras atividades, perguntar qual é o interesse dela [criança com altas habilidades/superdotação] e fazer um projeto relacionado com atividades de seu interesse.*

Por fim, pode-se perceber que o desconhecimento dos comportamentos de altas habilidades/superdotação por parte dos professores surdos prevalece, devido à falta de discussões relacionadas a essa temática no território da surdez. No entanto, embora não haja um conhecimento aprofundado sobre as questões das altas habilidades, há um interesse por parte desses profissionais em estar discutindo, problematizando tais assuntos a fim de qualificar suas práticas e ir ao encontro dessa parcela de alunos anônimos até então.

Em face da falta de discussões e estudos sobre os comportamentos de altas habilidades na pessoa surda, torna-se difícil realizar um trabalho que potencialize

identificar tais comportamentos em uma criança surda, sem que antes tais questões sejam conhecidas e trabalhadas pelos profissionais que atuam na área da surdez. Além do que se torna desafiador e pertinente tecer reflexões que entrelacem estas duas áreas da educação especial, com o propósito de atender uma parcela de alunos surdos com altas habilidades que por não serem identificados, não estão sendo atendidos em suas especificidades.

### **3. Considerações Finais**

Grandes são as dificuldades e desafios encontrados na tentativa de se propor algumas reflexões que enfoquem altas habilidades/superdotação, sob a perspectiva da surdez. No entanto, é demasiadamente importante discuti-las, relacionando-as, uma vez que, ambas as temáticas são constituídas e entendidas sob perspectivas epistemológicas diferentes. Estas áreas, por muito tempo, foram concebidas de forma antagônica e, em decorrência disso, constatou-se certo desconhecimento por parte de profissionais surdos com relação à temática das altas habilidades/superdotação.

Não obstante, contrapondo-se à idéia equivocada de que os alunos com altas habilidades/superdotação não precisam de atendimento educacional especializado, e tantas outras que se perpetuaram ao longo do tempo, uma parcela dessa população está sendo ignorada, pela ausência, ou inexistência de programas que busquem conscientizar profissionais atuantes na área da surdez com relação à identificação dos comportamentos de altas habilidades/superdotação em pessoas surdas. Ou seja, o desconhecimento desses comportamentos de altas habilidades/superdotação, por parte dos educadores surdos, impede que esses sejam identificados em pessoas surdas e, que sejam realizados programas que venham atender essa demanda.

Neste sentido, encerra-se este artigo, porém essas reflexões não param por aqui, torna-se oportuno enfatizar que muito ainda tem a ser feito e pesquisado com base no entremear das áreas altas habilidades/superdotação e surdez. Estar atento para tudo isso, embora seja difícil, é necessário. Algumas reflexões aqui elencadas

trouxeram a importância de se olhar para as características de altas habilidades que devem ser identificadas na pessoa surda, sendo que sob este aspecto toda e qualquer discussão ainda é escassa. Faz-se relevante pontuar que, em decorrência disso, uma parcela da população surda – surdos com altas habilidades se encontra ignorada.

Tudo indica que este território de possibilidades começa a ser desbravado. Tomando-se por base a trajetória histórica abordada por este artigo, fica claro que tanto as altas habilidades como a surdez transcenderam por diversos momentos, ambas foram se transformando e se lapidando ao longo do tempo tais temáticas trazem de seu passado marcas de lutas que subsistem até os dias atuais. As representações no que concerne às duas temáticas estiveram sempre vinculadas aos contextos culturais e aos momentos históricos pelos quais perpassavam. Ainda assim, não cabe ressaltar, falhas ou tropeços, uma vez que, mesmo nos dias de hoje muitos aspectos precisam ser refletidos.

Com relação às bases epistemológicas que fundamentam uma e outra teoria, embora de cunhos divergentes, não podem constituir um empecilho para que sejam estudadas e pensadas formas de entrelaçar as temáticas abordadas pelo artigo, a fim de potencializar um atendimento de qualidade também à pessoa surda com altas habilidades. Torna-se pertinente ainda colocar em pauta discussões que reflitam acerca da importância de se pensar altas habilidades/superdotação na pessoa surda e, principalmente, entre profissionais surdos é fundamental que sejam abordadas tais questões.

Por fim, *Um Olhar Sobre Altas Habilidades e Surdez: algumas Reflexões Necessárias*, aqui se manifestam com o intuito de um despertar – não só nos profissionais que atuam na área da Educação Especial como também para com a pessoa surda – sobre toda a importância que confere ao tema, com vista a desenvolver metodologias de ensino e aprendizagem que atendam as necessidades singulares dos sujeitos. Resta, portanto, apostar em continuadores que perpassem este caminho com vista a novos olhares e novas reflexões.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES: MDT. Informação: referências: elaboração. 6ª ed. Santa Maria, 2006. 67 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 17ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2002.

FREITAS, Soraia Napoleão (Org.). **Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Prefácio: Joseph S. Renzulli. Santa Maria: Editora da UFSM, [2006].

GAMA, Maria Clara de Sodré S. **Educação de superdotados: teorias e práticas**. São Paulo: EPU, 2006.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLDFELD, M rcia. **A criança surda: linguagem e cogni o numa perspectiva sócio interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOTTI, Marlene de Oliveira. Marlene de Oliveira Gotti: entrevista [out.2005]. Brasília: Ministério da Educa o Secretaria de Educa o Especial, 2006. Entrevista concedida a revista Inclusão, revista da educa o especial.

\_\_\_\_\_ **Política Nacional de Educa o Especial na Perspectiva da Educa o Inclusiva**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=64&Itemid=193>>. Acesso em: 10 out. 2008.

PÉREZ, Susana Graciela Per z Barrera. Sobre perguntas e conceitos. **Educa o e altas habilidades/superdota o: a ousadia de rever conceitos e práticas**, Santa Maria, p. 37-59, 2006.

PÉREZ, Susana Graciela Per z Barrera. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Caderno de Educa o Especial**, Santa Maria, v. 2, n. 22, 2003. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/02/a4.htm>>. Acesso em: 25 set. 2008.

RECH, Andréia Jaqueline Devale; FREITAS, Soraia Napoleão. Uma revisão bibliográfica sobre os mitos que envolvem as pessoas com Altas Habilidades. **Educa o e altas habilidades/superdota o: a ousadia de rever conceitos e práticas**, Santa Maria, p. 61-87, 2006.

SKLIAR, C. B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Media o, 1998.

